



A princesa desobediente

Era uma vez uma princesa muito linda e inteligente, a princesa Ágatha, que morava com seus pais, o rei Augusto e a rainha Eva em um reino distante. Nesse reino mulheres e homens tinham suas obrigações muito bem definidas. Todos os dias, todos daquele lugar levantavam bem cedo para suas tarefas diárias. O galo cantava logo nos primeiros raios do sol e o cheiro bom de pão fresco já pairava no ar. O reino funcionava cheio de regras rígidas, pois há muitos e muitos anos viviam assim e isso os mantinham vivos. O rei era inflexível e não gostava de ser interrogado, suas ordens eram como leis. Embora todo o entorno já estava se modernizando, o reino mantinham sistemas ultrapassados.

A princesa Ágatha sentia em seu coração que havia um mundo novo, diferente, e que ela queria conhecer, pois estava cansada daquela vida, que era boa, mas muito monótona. Um dia conversando com seus pais disse da sua vontade de conhecer outros povoados, conhecer outras pessoas. Mas, seus pais ficaram furiosos com esses desejos e disseram que o mundo lá fora era muito perigoso que eles ali dentro do reino estavam protegidos. Que tudo o que tinham era bom, afinal eram os mais prósperos dali.

Porém, ela não ficou satisfeita com o discurso de seu pai, porque ela sabia que a vida ali não estava tão boa. Havia uma praga nas plantações e a comida estava escassa, muitas crianças do povoado não estavam tendo acesso à escola e muitas estavam tendo que trabalhar para ajudar seus pais e aquilo não estava certo.

Mesmo contra a vontade de seus pais Ágatha decidiu seguir seu coração e por dias e dias foi para biblioteca estudar, sobre plantas do entorno do reino e métodos de sobrevivência. Em uma noite após o jantar e todos em suas devidas camas, Ágatha partiu levando uma mochila e em seu coração toda esperança e curiosidade. Em sua cama deixou um bilhete para os seus pais com os dizeres "Não tema o vazio que fica ao deixar meu lar, pois voltarei novas aventuras para contar".

Ágatha andou por dois dias e duas noites inteiras pela floresta, como ela era estudiosa de sua cultura, sabia os melhores materiais naturais para fazer uma cabana para dormir e quais plantas poderia comer. No final do segundo dia de caminhada ela ouviu uns cochichos perto do rio. Ela foi se aproximando com muita cautela até que avistou uma outra pessoa, de cabelos cacheados, pele retinta, que aparentava ter a sua idade, estava segurando um aparelho que Ágatha nunca tinha visto antes. Ficou um tempo escondida até ter certeza que poderia ter algum contato.

Diana era quem Ágatha havia avistado, ela era líder de uma comunidade quilombola que estavam ali há muitos e muitos anos. Foi o tataravô que ajudou a fundar aquele vilarejo, que apesar de distante de outros lugares, eram ricos em tecnologias e saberes revolucionários para a época. Eles tinham sistemas de irrigação modernos, meios de comunicação a distância, métodos espetaculares de guardar as sementes, assim nada se perdia. O sistema de governança era horizontal, ou seja, todos tinham autonomia para tomar decisões, desde que fossem para um bem em comum, um bem para toda a comunidade. Ela mostrou aquele aparelho que segurava que era para verificar a pureza da água do rio. Ali a opinião de todos eram ouvidas, assim todos se sentiam importantes e todos viviam bem e felizes. Isso tudo foi explicado à Ágatha que ficou encantada, ali havia fartura e felicidade, muito diferente de onde ela vivia.

Os pais de Ágatha já havia mandado os cavaleiros irem atrás de sua filha, mas não há encontraram. Por isso, estavam estarecidos temendo que o pior poderia ter acontecido, pois imaginavam que a princesa era fraca e ingênua, não sobreviveria fora do vilarejo muitos dias. Apesar da precipitada tristeza que assolava, tudo continuava do mesmo jeito, todos os dias. O rei Augusto não gostava de novidades.

O tempo em que Ágatha ficou na comunidade quilombola aprendeu músicas, comidas, história e como liderar. Quando sentiu que estava pronta, decidiu voltar para seu reino e colocar em prática para que todos pudessem usufruir de tanta prosperidade. Se despediu da comunidade que havia lhe recebido tão bem e de Diana, com a promessa de que voltaria e que ela seria muito bem vinda em seu reino.

O rei Augusto e a rainha Eva não acreditavam quando viram que Ágatha estava de volta, apesar de felizes, deram uma bronca nela e o rei a pôs de castigo, afinal o que ela havia feito era inadmissível e todos estavam cochichando sobre a autoridade do rei. Mas, Ágatha quis conversar com seu pai e contar sobre sua aventura. Mas, não teve conversa.

A princesa foi para seu quarto e contou tudo para sua mãe que, para sua surpresa, ficou maravilhada com tudo e super empolgada, pois sua filha fez o que ela sempre teve vontade de fazer. Então a rainha prometeu a Ágatha que a ajudaria a mudar a cabeça dura de seu pai.

Ágatha queria que o povo do reino fosse feliz e próspero. Com a ajuda de sua mãe foi fazendo reuniões com as pessoas que moravam ali, para saber do que precisavam. Conversou com as pessoas mais velhas, com as crianças e com as pessoas que trabalhavam para o reino.

O tempo foi passando e o rei Augusto observou que algo estava diferente, havia um borburinho e de repente viu que pessoas de outros reinos e vilarejos estavam querendo conversar, não com sua alteza, mas com a princesa Ágatha. O rei então, decidiu conversar com sua filha, ouvindo cada ideia que ela estava tendo. Ele num primeiro momento ficou furioso e não concordou. Mas, sua mãe interviu e o mostrou o quanto sua filha já havia feito. Mostrou as plantações belas e viçosas, os pomares frutíferos. Ele percebeu que o sua filha havia feito em tão pouco tempo era tão maravilhoso que ficou envergonhado. Ele explicou que o jeito que governava, era a forma como julgava certo, assim como foi feito pelos seus antecessores. Mas, sua filha estava certa, era hora de mudar, pois queria o povo feliz.

Ágatha cumpriu sua promessa e levou seus pais para conhecer a comunidade quilombola que havia conhecido. Apresentou sua amiga Diana e família toda, assim puderam aprender mais com aquele povo. O rei viu que aquilo tudo era bom e agora só apoiava sua filha, que o deixou muito orgulhoso. Muitos povos ficaram amigos e as trocas eram diárias.

Essa forma governar inspirou gerações futuras a lutar por um mundo mais igualitário e a usar o poder e a influência para o bem comum.

E assim foram felizes.

Fim .